

# Literatura latina: comparações hermenêuticas do ato da obediência *em personagens da exegese bíblica*

Isaias dos Santos da Cunha  
Saint Alcuin Of York Anglican College/Chile  
isaiassantos454@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-0004-4439>

Renan Albuquerque  
Universidade Federal do Amazonas  
renanalbuquerque@hotmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-3923-9938>

Elizabeth Cardoso  
Educanorte  
elizabeth.neta@hotmail.com  
<http://orcid.org/0000-0002-5608-6566>

**RESUMO:** O presente artigo delinea uma análise comparativa do princípio da obediência do personagem Eneias — de *Eneida* — aos seus deuses com alguns personagens bíblicos que exercem o mesmo ato em relação ao Deus de Israel. Em meio a esses personagens bíblicos, especificam-se Abraão, Jó e Jesus. Personagens da exegese bíblica que demonstram singularidades com o troiano que sai da sua cidade destruída pela guerra entre Troia e Grécia. O pressuposto comparativo entre o herói troiano e alguns personagens bíblicos parte do princípio de que, mesmo lamentando, aceitam seus destinos premeditados pelos deuses. Compreendemos que a *Eneida*, uma epopeia clássica, nos direciona a reflexões relevantes do estudo da literatura latina. Confiamos que apreender como as nações foram formadas através de guerras e conquistas se torna algo acentuado para se pensar nossas identidades, preceitos e valores atuais, com aporte da pesquisa bibliográfica norteada por Severino (2008). O estudo tem por embasamento teórico Grizoste (2011; 2013) e Walter de Medeiros (2010). Apreendemos que a *Eneida* trata não somente da fundação de Roma, mas das tragédias enfrentadas quando se acredita na predestinação, indicando a relevância da literatura latina para compreender o desenvolvimento de nações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos literários. Troia. Império. Bíblia.

## LATIN LITERATURE: HERMENEUTIC COMPARISONS OF THE PRINCIPLE OF OBEDIENCE IN CHARACTERS FROM BIBLICAL EXEGESIS

**ABSTRACT:** This article outlines a comparative analysis of the principle of obedience of the character Aeneas - of Aeneid - to his gods with some biblical characters who perform the same act in relation to the God of Israel. Among these biblical characters, Abraham, Job and Jesus are specified. Characters from biblical exegesis that demonstrate singularities with the Trojan that leaves his city destroyed by the war between Troy and Greece. The comparative presupposition between the Trojan hero and some biblical characters assumes that, even when lamenting, they accept their fate premeditated by the gods. We understand that the Aeneid, a classic epic, directs us to relevant reflections on the study of Latin literature. We trust that apprehending how nations were formed through wars and conquests becomes something accentuated to think about our current identities, precepts and values, supported by bibliographical research guided by Severino (2008). The study is theoretically based on Grizoste (2011; 2013) and Walter de Medeiros (2010). We learn that the Aeneid deals not only with the foundation of Rome, but with the tragedies faced when predestination is believed, indicating the relevance of Latin literature to understand the development of nations.

**KEYWORDS:** Literary studies. Troy. Empire. Bible.



## INTRODUÇÃO

Os dramas da vida do homem antigo em suas batalhas. As perdas em decorrência de guerras que devastavam impérios. Nesse cenário, compreendemos *Eneida* enquanto epopeia escrita com intuito de celebrar o surgimento e o desenvolvimento do Império Romano na Idade Antiga. Valores que nortearam, outrora, a vida desse povo são assinalados através da obra. Podem-se destacar, por exemplo, exterioridades descritas na abordagem do poeta Virgílio (S/D) em sua epopeia, que sublinhou crenças, práticas religiosas, triunfos heroicos, históricos e ideais de vida incentivados por Roma.

Para Pereira (1984), *Eneida* é a história da migração dos remanescentes troianos que, tomados pelo comando de Eneias, deixaram as muralhas destruídas de Tróia e avançaram rumo à Itália. A partir do suposto, Grizoste (2011) aborda o fato de que Virgílio, por ser romano, espelha-se em Homero — escritor grego que narra façanhas dos heróis helênicos em suas obras *Iliada* e *Odisséia* — para construir a *Eneida*, expondo façanhas de Eneias correlacionalmente a partir de sua obediência a deuses.

Tomando como suposto o enredo, Medeiros (2010) considera que *Eneida* tem por objetivo narrar e explorar temas de interesse do povo romano. Para Grizoste (2011), os romanos tinham estima especial pelas classes categóricas i) moral, ii) rotina e iii) disciplina, além de um interesse dominante pela história das batalhas. Esse aspecto, sublinhemos, é bastante presente na obra de Virgílio, em que se destaca a exaltação de princípios e normativas habituais de nações históricas, da mesma forma como a figura de um anti-herói — diferente dos heróis gregos, autores de grandes façanhas, mas com características que ressaltam um valor humano.

De tal modo, Grizoste (2011) direciona à perspectiva de que na obra de Virgílio existe algo fundamental explicitado: a estrutura de epopeia. É compreensível a abordagem de que o autor organiza conscientemente o conflito e a tensão, uma vez que a história de Virgílio direciona o olhar para Homero porque, de certa forma, esta é a continuação daquela. Trata-se de uma associação de enredos.

Conforme Pereira (1984), o romano ideal teria de possuir três características: a) *virtus* (virtude) — que seria um conjunto de qualidades morais; b) *fides* (fidelidade) — amparada na intenção ao respeito; e c) *pietas* (piedade) — que representa um conjunto de regras de comportamento, obediência e respeito, sendo a *pietas* a mais acentuada das três características, por simbolizar a síntese das demais. Na configuração, entre as três características de romano ideal, então citadas, *pietas* pode ser encontrada em Eneias, dado que esta também é uma característica presente nos personagens bíblicos Abraão, Jó e Jesus.

Assim, este estudo faz uma análise comparativa a partir da i) obediência e do ii) respeito que esses personagens, tanto o troiano quanto os bíblicos, parecem cultivar pelos seus deuses, buscando engendramentos e implicações explicativas em função da história.

## OBEDIÊNCIA À LUZ DA ENEIDA E DAS ESCRITURAS SAGRADAS

O sentimento de obediência é pressuposto constante em personagens bíblicos e naqueles que constituem epopeias. Nas narrativas da exegese dos cristãos encontram-se,

constantemente, características de primícias da relação da submissão, da mesma feita em clássicos da literatura latina. Essas perspectivas auxiliam na compreensão das relações entre as divindades e os seres humanos em processos da historicidade humana, na construção de impérios e nações.

Gerk (S/D) considera que *pietas* é definida habitualmente como sentimento de devoção para com aqueles que a humanidade está de certa forma ligada por natureza, sejam estes pais, filhos, parentes. “[...] Liga entre si os membros da comunidade familiar, unidos sob a proteção da *pátria potestas*, projetada pelo culto dos antepassados. Encontra-se formada no sentimento religioso dos romanos” (p. 02).

Os romanos acreditavam que todos tinham seu *genius* tutelar e que a matrona era protegida por Juno. Partindo do suposto, o conceito de *pietas* se ampliava à divindade, de onde provinha o sentido cristão de piedade como prática de veneração do divino e compaixão a Deus, exemplificada com este trecho da *Eneida*, onde Eneias faz uma prece a Júpiter:

Júpiter todo-poderoso, se tu não odeias ainda os troianos até o último, se tua piedade lança ainda um olhar sobre as misérias humanas, concede à nossa frota escapar agora às chamas, ò pai, e salva da destruição o pobre recurso dos Teucros! (VIRGÍLIO, ENEIDA, V, p. 145).

O sentimento religioso do poeta Virgílio, transcendendo ao seu personagem Eneias, torna-se semelhante aos apelos que Abraão e Jó fazem no decorrer de suas vidas, de suas trajetórias de sofrimentos e derrotas, sucessivamente recorrendo a um auxílio de seus deuses, da divindade por eles criada. Assim, entendemos que no personagem Eneias, um troiano, são postas as chaves de leitura de ao menos duas virtudes compreendidas como primordiais: i) obediência e ii) respeito. Partindo dessa perspectiva, acreditamos na possibilidade de se comparar o personagem virgiliano com algumas figuras da exegese bíblica.

A obediência de Eneias, em respeito à vontade dos deuses, pode ser correlacionada, a nosso ver, com diversos personagens bíblicos. E em virtude disso foram escolhidos os referidos que, assim como o troiano, manifestaram obediência e superaram desafios que lhe foram colocados ao longo de seus andamentos. Porém, há que se ressaltar que a obediência de Eneias mostra-se sempre fiel aos princípios de uma época, ou seja, é ligada ao postulado histórico vivido por aquele.

Eneias, assim, por possuir característica da *pietas* e esta também se fazer presente em Abraão, Jó e Jesus, norteia uma relevância concernente à comparação entre ambos os personagens da *Eneida* e da exegese bíblica. O troiano respeita e aceita ordens e o destino que os deuses lhe preparam. Da mesma forma, acontece em Abraão, Jesus e Jó. Em *Eneida*, é celebrada a construção da *pax romana*. Eneias é um homem de paz, de não violência, e os seguintes versos, do canto 12, comprovam essa orientação de seu espírito, ao rejubilar-se pelo seu tratado com os latinos e a consequente cessação do derramamento de sangue:

Entretanto, Eneias, não menos terrível revestido das armas maternas, aguça em si Marte e excita a sua cólera, rejubilando pelo fato de a guerra se decidir por meio de acordo que lhe foi oferecido. Então, consola os companheiros e acalma o medo do triste Julo, explicando-lhe os destinos. Depois, ordena a alguns homens que levem ao rei Latino respostas firmes e que lhes ditem as condições de paz (VIRGÍLIO, ENEIDA, XII, p. 322).

Segundo Grizoste (2011), todavia, Eneias, apesar do seu comportamento calmo e resguardado ante batalhas e conflitos, é um herói que procura a morte. Isso ocorre talvez de forma não anunciada por Eneias. Isso porque ele realmente não almeja essa finitude, mas esse caminho, assim, se dá em razão dos reveses da batalha entre gregos e troianos e isso pode ser constatado nos versos do Canto I da obra. Ou seja, para o troiano, é melhor morrer nas ruínas de seu país do que continuar a viver sem honra, e essa é a sensação transmitida por ele que está diante da evocação da guerra de seu país, nas pinturas em Cartago. O herói chora como Ulisses, na *Odisseia* de Homero, quando este caiu em prantos na corte de Alcino.

Apesar disso, as lágrimas de Eneias mostram-se a nós como mais dolorosas em comparação a Ulisses. O herói grego era um vencedor, um vitorioso. Eneias era um derrotado em termos domésticos, em sua vida pessoal, uma vez que não possuía nada mais enquanto razão de viver, nem terra e nem família. Acreditamos, assim, que existem condições diferentes de interpretação, apesar de similitudes, entre Eneias e Ulisses.

O herói grego voltaria para casa após a luta, mas Eneias não tem mais casa e nem regresso aguardado (MEDEIROS, 2010). O herói virgiliano é filho da deusa Vênus e eleito pelos deuses para executar missão providencial. Para Medeiros (2010), Virgílio fez dele um homem melancólico, que viaja de Tróia para Roma, de um passado que havia perdido para um futuro que nunca há de possuir.

Eneias é o único herói épico que, em sua primeira apresentação, aparenta desejar a morte como sinal de seu íntimo pesar. E, após fugir de Tróia para salvar sua vida e cumprir o destino designado pelos deuses, enfrenta uma grande tempestade que a deusa Juno desencadeou para afastá-lo da Itália. Eneias, tomado de horror, ergue os braços ao céu e exclama:

Oh, três e quatro vezes ditosos aqueles que, diante dos olhos dos seus pais, sob as altas muralhas de Tróia, a sorte concedeu que baqueassem! Ó tu, que foste o mais bravo da estirpe dos Dánaos, filho de Tideu! Ah, porque é que eu não pude tombar nos campos de Ílio e exalar esta alma sob os golpes da tua mão, lá onde indomável já, abatido pelo dardo do Eácida, Heitor; lá onde jaz o gigantesco Sarpédom; lá onde o Símois arrasta e revolve, em suas águas, tantos escudos de heróis e os seus capacetes e os seus corpos poderosos (VIRGÍLIO, ENEIDA, I, p. 44).

Eneias também busca a morte na Sicília quando mulheres troianas, cansadas de peregrinações, incendiam a frota e o herói rasga os vestidos e pede ao deus Júpiter que lhe acuda ou o fulmine por sua severa vontade, nos versos 691 e 692. “O que me resta,

aniquila-o tu mesmo com o teu raio destruidor, e, se assim o mereço, liquida-me aqui já por tuas próprias mãos.” (VIRGÍLIO, ENEIDA, VIII, p. 224).

O troiano não é covarde, mas teve por muitas vezes vontade de intentar sua morte. Na última noite de Tróia, quando tudo estava perdido, enquanto gregos penetravam na cidade, graças ao cavalo da traição, as casas ardiavam. Era impossível ter resistência. Eneias recebe de Heitor, sanguinolento e desfigurado como a urbe, a ordem divina de partir do seu país e fundar uma nova pátria além-mar (MEDEIROS, 2010). O herói não obedece, nem mesmo quando o sacerdote Panto lhe diz: “[...] acabaram os troianos, acabou Ílio e a imensa glória dos Teucros. Impiedoso, tudo Júpiter transferiu para Argos” (VIRGÍLIO, ENEIDA, II, p. 75).

Logo depois, Eneias reúne um grupo de desesperados como ele e grita-lhes: “[...] morramos, lançando-nos no meio das armas! Só há uma salvação para os vencidos: não esperar em nenhuma salvação” (ID., II, p. 81). Medeiros (2010) considera que é o desvario daquele que há de ser considerado herói da sensatez e da *pietas*. Eneias bate-se como um leão, até chegar ao palácio real. Sua bravura só vacila quando assiste à morte de Príamo e vê o corpo do rei decapitado. “Ali, por detrás de um tronco enorme, na praia, arrancada dos ombros, está uma cabeça; e, já sem nome, um corpo” (VIRGÍLIO, ENEIDA, II, p. 82).

É nesse cenário que Eneias se lembra do pai, da esposa e do filho. Mas avista Helena, fonte de todas as suas desgraças. Precipita-se sobre ela para matá-la. É necessário que Vênus intervenha e lhe faça entrever, com um olhar miraculoso, os grandes deuses empenhados na destruição de Tróia. Anquises, por sua vez, recusa-se a partir. E logo Eneias decide regressar à batalha. Mas os deuses suscitam dois prodígios sucessivos: uma chama sacra na cabeça de Ascânio e uma estrela que aponta o caminho do Ida. Então fogem todos. E aquele herói que desafiava a morte estremece ao aprender um simples hábito, um simples rumor.

Todos fogem, mas perdem Creusa, esposa de Eneias, na fuga. Creusa simboliza o passado e o passado deve morrer. O passado deve morrer, no entanto não morre. Ressuscita logo à partida, na dor e na saudade: “[...] as praias da minha querida pátria assim as deixo, chorando, e os seus portos e os campos onde Tróia existiu” (VIRGÍLIO, ENEIDA, III, p. 91).

Seguindo a comparativa no campo textual-discursivo relacionado a Abrão — antes de ser chamado Abraão — um descendente de Tera, uma vez que no livro de Gênesis é explicitada a sua descendência: “Tera saiu da cidade de Ur, na Babilônia, para ir até a terra de Canaã, e levou seu filho Abrão, o seu neto Ló, que era filho de Harã, e sua nora Sarai, que era mulher de Abrão. Chegaram até Harã e ficaram morando” (BÍBLIA SAGRADA, 2000, p. 9).

Na ótica comparativa, percebe-se que, assim como Enéias — o herói virgiliano, Abrão (Abraão) morava com os pais antes de receber designações que o seu Deus daria a ambos. A perspectiva da obediência e aceitação à ordem de deuses é constatada no per-

sonagem bíblico, *a priori*, na mudança do nome de Abrão para Abraão. O capítulo 17 de Gênesis versa o porquê da mudança.

Segundo a narrativa bíblica, quando Abrão tinha 99 anos Deus apareceu a ele e disse:

– Eu sou o Deus Todo-Poderoso. Viva uma vida de comunhão comigo e seja obediente a mim em tudo. Eu farei a minha aliança com você e lhe darei muitos descendentes.

Então Abrão ajoelhou-se, encostou o rosto no chão, e Deus lhe disse: – Eu faço com você esta aliança: prometo que você será o pai de muitas nações.

Daqui em diante o seu nome será Abraão e não Abrão, pois eu vou fazer com que você seja o pai de muitas nações (BÍBLIA SAGRADA, 2000, p. 11).

Partindo da perspectiva da mudança do nome de Abrão para Abraão, nota-se o princípio de comparação entre o herói virgiliano referente às promessas de que os deuses os recompensarão, caso obedeçam e cumpram as ordens que lhes foram dadas para tais missões. Estreamos nosso comparativo, dado que o herói virgiliano sai de Tróia, seu país, que agora havia sido conquistado e destruído pelos gregos.

Eneias sai em busca de uma nova pátria, sendo essa a pátria prometida pelos deuses. O mesmo fato ocorre com Abraão. O chamado de Abraão está registrado no livro de *Gênesis* 12:1–3. Por conseguinte, a intenção trabalhada por nós foi a de sustentar interpretações que nos levem a compreender em que medida Eneias e Abraão tendem a ter suas histórias observadas em função de um mesmo prisma.

Ora, disse o Senhor a Abraão, “saia da sua terra, do meio dos seus parentes e da casa de seu pai, e vá para a terra que eu lhe mostrarei. Farei de você um grande povo e o abençoarei. Tornarei famoso o seu nome, e você será uma bênção. Abençoarei os que o abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem e por meio de você todos os povos da terra serão abençoados (BÍBLIA SAGRADA, 2000, p. 9).

Eneias é personagem com características parecidas com Abraão. Conforme Me-deiros (2010), Eneias é semelhante a Abraão porque, na analogia, ambos recebem uma promessa de grande futuro para a sua posteridade, mas, no decorrer da conquista, têm de abandonar o passado com pesar. O chamado de Abraão veio junto com a aparição de Jeová. A ordem para Abraão foi que deixasse a terra, deixasse tudo para trás. Jeová faria uma nova nação no tocante à exegese bíblica, e não simplesmente revisitaria alguma já existente.

Abraão, assim como Eneias, tendeu a ser obediente à ordem que recebera. No decorrer da *Eneida*, tomamos consciência de que a *pietas* é a qualidade essencial de Eneias, evidenciada pelo seu respeito e obediência aos deuses em todas as suas decisões cotidianas e morais. Abraão e Eneias também mostram singularidades referentes ao início de suas trajetórias.

Eneias segue o seu destino, tomado pela *pietas* na busca da terra que os deuses tinham prometido, na esperança de levantar uma nova nação, um novo povo: os seus

descendentes. Abraão segue, da mesma forma, tomando a perspectiva de obediência e temor ao que não conseguia explicar, seguindo em busca, assim como Eneias, da sua terra prometida.

Outra miragem a ser comparada com Eneias e Abraão é a similaridade de suas trajetórias após receberem ordens e missões para saírem de suas terras e partirem na busca do lugar prometido por seus deuses. Eles seguiam sem rumo, sem saber para onde ir, apenas observando as ordens que os deuses dirigiam, aguardando-as. Eneias, por sua vez, começa a trajetória com o reconhecimento do amargo em sua vida pelas perdas (VIRGÍLIO, ENEIDA, 1999) acometidas a sua nação: Tróia.

Abraão também passa por dificuldades no início da trajetória referente à falta de alimento em Canaã (BÍBLIA SAGRADA, 2000), pois teve que buscar abrigo nas terras do Egito Antigo. Em presença das subjetividades já levantadas, acreditamos que é relevante ressaltar a diferença entre Eneias e Abraão quanto às riquezas. Abraão era homem de grandes posses; Eneias havia perdido seu país, seu lar e estava à mercê de desgraças. Por isso, acreditamos ser Eneias mais parecido com Jó, sobremaneira em razão de sofrimentos que se abateram sobre ambos.

Encontra-se outra similaridade entre Eneias e Abraão. Eneias é de fato o símbolo da monarquia augustiniana na poesia (GRIZOSTE, 2013), porque se configura como o fundador da própria *gens* romana. Já Abraão também guarda similaridade com Eneias com referência à configuração da promessa que Jeová fez, ao mesmo tempo de fazer desse uma grande nação. Logo, a nosso ver, o personagem bíblico também se configura como fundador de nação.

A partir do suposto, tomamos a prumo que outrora Grizoste (2011) já abordara essa positividade de estudo, tomando a contento que em nenhum momento Abraão hesitou em relação à missão que lhe fora conferida. O hipotético o torna mais semelhante a Odisseu, porque não hesitar e não lamentar o seu destino premeditado por Jeová conferem a si uma moralidade imperiosa.

Existe similaridade em Abraão e Eneias pela conjectura de aceitarem seu destino e obedecerem fielmente às ordens dos seus deuses, porém Eneias lamenta-se o todo tempo. Além disso, o conceito de *pietas* na obra de Virgílio vai muito além da relação com a divindade. Ele abrange o respeito à família e ao Estado Romano, ou seja, ao tripé formador da estrutura social romana.

Com base na assertiva, acreditamos que o espírito com que a elaboração da epopeia está relacionada é o de um pedido do imperador Otávio Augusto para que se divulgassem no poema de Virgílio seus ideais políticos. E, a nosso ver, nada melhor do que se utilizar de grandes feitos, ainda que fictícios, para se mostrar a ascendência divina de um imperador. O poeta poderia levar leitores(as) modernos(as) a compreenderem suas razões de queimar a obra (GRIZOSTE, 2011).

Sua intenção seria esconder uma desobediência civil, uma inobediência a regras pré-determinadas. Por outro lado, não podemos esquecer que esse é um poema feito por

encomenda e acreditamos que a rejeição à realização de tal serviço poderia levar o autor ao degredo ou à própria morte. Encontramos outra prova evidente da *pietas* de Eneias quando observamos valores familiares, no Livro II, como a devoção filial em salvar o pai, levando-o nos ombros:

Havia dito, e já ao longo das muralhas ouvia-se mais nitidamente o crepitar do fogo e o incêndio rola turbilhões perto de nós. Adiante, pois! Vamos, caro pai, sobe para as nossas costas: eu te levarei nas minhas espáduas e esse fardo não será pesado. Ocorra o que ocorrer, haverá para nós dois um só e comum perigo, uma só salvação; que o pequeno Iulo me acompanhe e que minha esposa siga meus passos de longe (VIRGÍLIO, ENEIDA, II, 82).

Verificamos que o qualitativo *pius* distingue o herói. O predomínio e a referência constante da qualidade explicam traços dominantes do seu modo de atuar. Isso nos direciona a algumas passagens e mais especificamente quando Diomedes declara um guerreiro tão valoroso, como Heitor, como sendo ainda mais superior pela *pietas*. Durante todo o tempo que durou a guerra diante das muralhas de Tróia, foi o braço de Heitor e o de Eneias que detiveram a vitória dos gregos e a protelaram até o décimo ano.

Ambos eram ilustres pela coragem e pelas brilhantes façanhas, mas Eneias o sobrepujava em piedade. “Conclui, pois, uma aliança com ele, enquanto ainda é possível, mas guardai-vos de medir vossas armas com as dele! Ouviste ao mesmo tempo, ó melhor dos reis, a resposta do rei e a sua opinião sobre esta grande guerra” (VIRGÍLIO, ENEIDA, II, 89).

Para os romanos, a *pietas* é mais importante que a *fortitudo*. Daí, talvez seja difícil decifrar atitudes e feitos dos personagens da *Eneida*, uma vez que esses personagens pensam ao contrário de Heitor, por exemplo, ao representar personagem homérico que age por instinto.

Ademais, com base numa leitura atenta, não só do poema, percebe-se do que realmente é feita a *pietas* que leva Eneias a descer ao mundo dos mortos, no livro VI, quando reconhece seu pai Anquises, com alegria. “Enfim, viste, e tua piedade, há tanto esperada pelo teu pai, triunfou da dura viagem! É-me dado contemplar teu rosto, ó filho, ouvir e fazer ouvir estas palavras familiares! Quanto temi que os reinos da Líbia te fossem nocivos!” (VIRGÍLIO, ENEIDA, VI, 186).

Ao associarmos, no entanto, os pontos de vista históricos implicados, temos que Abraão, após receber a ordem de Jeová, partiu para a terra que lhe seria mostrada. Eneias, ao primeiro passo, hesitou em partir, uma vez que queria morrer ali na ruína de Tróia. Não se sabe se Abraão tentou não obedecer à ordem que tinha recebido. O que se há de notar é apenas o registrado no livro de Gênesis e esse fato diz respeito a Abraão ter partido e junto com ele foi Ló, seu sobrinho, e sua mulher, Sara.

Partiu Abraão como lhe ordenara o Senhor, e Ló foi com ele. Abraão tinha setenta e cinco anos, quando saiu de Harã. Levou sua mulher Sarai e seu sobrinho Ló, todos os bens que haviam acumulado e os seus servos, comprados em Harã; partiram para a terra de Canaã e lá chegaram (BÍBLIA SAGRADA, 2000, p. 9).



Abrangemos outra similaridade entre Eneias e Abraão. Eneias levou consigo seu pai, sua mulher e seu filho, mas o herói perde a sua mulher na fuga. E, diante dessa perspectiva, Ló é semelhante a Anquises, porque ambos saem na companhia dos heróis, mas devem ficar pelo caminho.

Ló tem mais sorte do que o pai de Eneias, porque o primeiro partiu para uma terra alheia, já Anquises acaba morrendo. Outros personagens que têm semelhanças são Agar e Ismael. Ambos são parecidos a Dido e Turno. Segundo Grizoste (2011), Agar torna-se concubina de Abraão e Dido torna-se mulher de Eneias, mas ambas devem ser abandonadas. Agar parte para o deserto, enquanto Dido morre e vai para o mundo dos espíritos sem vida. Essas são narrativas que simbolizam o caos. Partindo do suposto, o filho de Abraão, Ismael, vê-se desprovido da paternidade. O abandono de Ismael pode ser comparado à morte violenta de Turno, porque, assim como um ato bárbaro de abandono paternal, não possui explicações plausíveis, a morte violenta de Turno e Palante não possuem justificativas.

Não obstante, acreditamos que o personagem bíblico que mais se aproxima de Eneias é Jó, uma vez que lamenta o seu destino ininterruptamente após ter perdido tudo. Os lamentos desses dois heróis possuem divergências. Jó não compreende o porquê de estar sofrendo, enquanto o herói virgiliano desejaria ter morrido do que enfrentar todas aquelas adversidades. Grizoste (2011) apresenta que, nessas semelhanças com os personagens bíblicos, Virgílio reuniu em Eneias os monólogos de Jó e a missão triunfal de Abraão. O que falta em Abraão completa-se em Jó, e vice-versa. Virgílio reúne as características em Eneias.

O herói virgiliano aparenta ser um dos únicos cuja desgraça é total. Eneias é derrotado na guerra de Tróia, perde seus familiares, perde seu país, presencia a morte do rei Príamo e de toda a família real, além de muitos de seus amigos. Eneias começa a peregrinar pelo mundo, parte para conquistar uma terra que seria mostrada pelos deuses, mas o herói está ciente de uma possível desgraça que lhe resta pela dúvida do futuro.

A esperança no futuro não lhe parece compensar o passado. Eneias tem essa similaridade com Jó. Jó não tem outra esperança a não ser o auxílio divino, dado que a sua infelicidade é mortal. Eneias também não tem escolha, nem mesmo quando parte de Cartago. Porém, o herói virgiliano tem perdas sucessivas e trágicas, da mesma maneira que Jó tem perdas repentinas.

O livro de Jó tem início abordando uma descrição sobre si e suas virtudes.

Na terra de Uz morava um homem chamado Jó. Ele era bom e honesto, temia a Deus e procurava não fazer nada que fosse errado. Jó tinha sete filhos e três filhas e era dono de sete mil ovelhas, três mil camelos, mil bois e quinhentas jumentas. Tinha também um grande número de escravos. Enfim, Jó era o homem mais rico de todo o Oriente. Os filhos de Jó iam às casas uns dos outros e davam banquetes, cada um por sua vez. E as três irmãs eram sempre convidadas para estes comes e bebes. Quando terminava uma rodada de banquetes, Jó se levantava de madrugada e oferecia sacrifícios em favor de cada um de seus filhos, para

purificá-los. Jó sempre fazia isso porque pensava que um dos filhos poderia ter pecado, ofendendo a Deus. (BÍBLIA SAGRADA, 2000, p. 343)

Observa-se que Jó possuía a mesma característica de Eneias quanto à *pietas*, o que certamente culmina no ato de obediência e temor ao que a divindade impõe ao ser humano. Da mesma forma que Eneias, Jó era homem bom e honesto, conforme é apontado no primeiro versículo da exegese bíblica descrita.

Ponderamos que ambos possuem traços parecidos não somente no sentido de obediência e temor, mas também no comportamento humano e nos ideais. Jó é temente e obediente a Deus, como descrito nos versículos da passagem do livro citado por nós, remetendo a uma perspectiva, e de tal maneira notamos, de obediência às divindades pelo medo de perdas ou de algo maléfico que poderia lhe acometer caso ele, ou seus filhos, viessem a desonrar ou pecar contra Jeová.

A narrativa bíblica segue com uma cena no céu, onde Lúcifer aparece diante de Jeová para acusar seu servo. Ele insiste que Jó apenas serve a Jeová porque o Senhor o protege. Lúcifer clama então pela permissão de Jeová para testar a fé e lealdade de Jó:

Será que Jó não tem razões para temer a Jeová? Respondeu Lúcifer. “Acaso não puseste uma cerca em volta dele, da família dele e de tudo o que ele possui? Tu mesmo tens abençoado tudo o que ele faz, de modo que os seus rebanhos estão espalhados por toda a terra. Mas estende a tua mão e fere tudo o que ele tem, e com certeza ele te amaldiçoará na tua face”. O Senhor disse a Lúcifer: “Pois bem, tudo o que ele possui está nas suas mãos; apenas não toque nele” (BÍBLIA SAGRADA, 2000, p. 343).

Jeová concede a permissão, mas apenas dentro de certos limites. Jó perde a família, riqueza e saúde em pouco tempo. Após isso, os três amigos de Jó, Elifaz, Bildade e Zofar, aparecem para confortá-lo e discutir a sua enorme série de tragédias. Eles insistem que seu sofrimento é um castigo pelo pecado em sua vida. Jó, no entanto, continua a ser dedicado a Jeová por tudo e afirma que sua vida não tem sido uma vida de pecado.

Um quarto homem, Eliú, diz a Jó que ele precisa se humilhar e submeter ao uso de dificuldades por parte de Jeová para purificar sua vida. Finalmente, Jó questiona o próprio Jeová e aprende lições valiosas sobre a sua soberania e a necessidade de confiar totalmente no seu senhor. O herói bíblico, então, é restabelecido em saúde, felicidade e prosperidade para muito além do seu estado anterior.

Igualmente, podemos enumerar outra característica do comparativo entre Jó e Eneias diante da intenção correlacional de que ambos começam suas trajetórias provando o amargo da vida (PEREIRA, 1984), apresentando perdas inestimáveis, o que originou um anseio de revolta e indignação em ambos. Jó perde tudo da noite para o dia e cai em total desespero e aflição, da mesma forma que Eneias, ao perder a mulher, o pai e o filho.

A estória de Eneias é semelhante à de Jó em analogia à obediência, posto que Jó perde seus filhos, sua esposa e seus rebanhos de animais, igualmente ao que acontece a Eneias, que também tem muitas perdas: a mulher e depois o pai. Destarte, é patente que

os dois heróis têm inúmeras semelhanças e o que os torna semelhantes não são similitudes a esmo, mas a sua obediência de ambos às vontades dos deuses — em relação a Eneias —, e a de Jeová — em relação à Jó.

Outro personagem bíblico que mostra uma semelhança a Eneias, em relação à obediência, é Jesus. Se não, notemos o que segue. Na noite que fora acusado pelos fariseus, no Getsêmani, Jesus se mostrava angustiado, uma vez que estava prestes a passar pelo grande sofrimento da via dolorosa (*crucis*). Já em seu calvário, Ele então expõe a Jeová o seu profundo incômodo e sua dor. “Meu Pai, se for possível, afasta de mim este cálice; contudo, não seja como eu quero, mas sim como Tu queres” (BÍBLIA SAGRADA, 2000, p. 675).

*A priori*, a rogativa feita por Jesus é um pedido de quem está confrontando com a vontade de Jeová. Talvez fosse a dor de quem preferisse que as coisas fossem de outra forma, talvez menos lancinantes. Mas, apesar disso, Ele não recuou e estava disposto a sofrer os desígnios divinos pela humanidade. Assim, tendemos a concluir que a *pietas* se faz presente também na imagem de Jesus, o qual, mesmo sofrendo, aceitou seu destino premeditado por Jeová e, do mesmo modo que se dera com Eneias, lamentou-se em resignação.

Ambos, de semelhante monta, aceitaram seus destinos, consoante ao personagem virgiliano. O apóstolo Paulo, outro personagem bíblico, também passou por um momento semelhante, e, *en passant*, nos recordemos de que Paulo se voltou contra Jeová e também demonstrou raiva contra a vontade de seu Senhor. Assim sendo, a vontade de Paulo não estava associada à vontade de Jeová (BÍBLIA SAGRADA, 2000, p. 758).

Sobre a interpretação, temos que aquele homem da antiguidade pode ser submisso à vontade de Jeová, mesmo quando ela foi contrária à sua. E ainda, abrangemos o fato de que os personagens puderam, sim, buscar a Jeová, como Jesus fez, entretanto, a questão de nutrir no coração o sentimento de renunciar a vida em razão da obediência foi algo controverso de se perceber. E essa é exatamente uma das grandiosas características da *pietas*: a controvérsia da aceitação ao sofrimento.

Eneias renunciou o amor por Dido, não por sua vontade própria. A vontade era dos deuses. Eneias deveria seguir viagem, careceria seguir rumo à Itália para cumprir seu destino; mas será que o foi de corpo e alma? Eneias cometeu uma culpa, involuntária, a qual, todavia, foi fatal. “A Itália não é por minha vontade que a demando: foi contra minha vontade, rainha, que abandonei praias do teu reino” (VIRGÍLIO, ENEIDA, XII, 351). Eneias diz que foi contra a vontade, mas obedece e condena uma inocente, condena o amor que ela sente pelo herói.

A *Eneida* trata a revolta da fraqueza contra a força. A revolta da vida contra a morte. A revolta da esperança contra a crueldade. A revolta de um lutador contra a cegueira de outro lutador. O dobre de finados sobre a fraternidade humana. Segundo Medeiros (2010), essas são as últimas lições da epopeia e do próprio Virgílio. São palavras de tra-

gédia que tratam bem a estória como ela se mostrou. Modelares da exegese bíblica e da literatura latina, que ajudam a compreender o processo de construção de civilizações.

## CONCLUSÃO

Compreendemos que *Eneida* nos direciona a reflexões proeminentes do estudo da literatura latina, da mesma forma que a exegese bíblica, quando traça, no Antigo Testamento, miragens da fundação do que hoje é a modernidade (ou pós-modernidade). Acreditamos que compreender como nações globais foram formadas, como povos se uniram ou dividiram por intermédio de guerras e/ou conquistas, é relevante para pensar identidades, preceitos e valores.

Os heróis estudados renunciaram a tudo o que tinham. No entanto, entendemos que isso foi mais presente em Eneias, uma vez que Virgílio versa sobre a dor do herói troiano. Abraão também renunciou a sua terra, entretanto era dono de muitas riquezas. Eneias, por outro lado, sofre desgraçadamente em seu trajeto até chegar à terra que os deuses lhe prometeram. A conjuntura é mais singular em Jó porque este perdera tudo, e assim como Eneias e Abraão — mesmo lamentando-se a todo o momento — seguiu obediente no sentido da *pietas*.

A *Eneida*, de tal modo, se mostra como uma epopeia de época, datada, mas com qualidades universais, que celebram o surgimento do Império Romano. Nela, são apontados grandes valores que norteiam a vida do povo romano, com suas crenças, práticas religiosas, triunfos heroicos, históricos e ideais. A Bíblia cristã também possui esse caráter, na visão da teologia contemporânea: obra de grande porte literário e simbólico, que conta histórias de povos e nações formados a partir de rupturas, entretanto, acima de tudo, a partir da obediência a deuses. Essa miragem se faz presente tanto na sociedade greco-romana quanto nos povos antigos, que se subordinavam a fim de conseguir grandes feitos.

O sentido da *pietas* abordado nos direciona a um breve enfoque de como isso é tratado na atualidade nas exegeses bíblicas e na perspectiva greco-romana, que permeiam a visão do catolicismo, mas afim à práxis romana. Na visão do cristianismo, o sentido da *pietas* ainda é nivelado, todavia muito pouco vivenciado. No catolicismo cristão, a herança da perspectiva de *pietas* da visão greco-romana também é muito discutida, porém pouco praticada. Desse modo, compreendemos a importância dos estudos clássicos e sublinhamos sua relevância nas reflexões dos valores éticos e morais, apresentando como pano de fundo a *pietas*.

Eneias venceu, mas ficou vencido. Eneias cometeu delitos, entre eles o ato de vingança, e traiu o ideal de seu pai. Abraão, Jesus, Paulo e Jó não cometeram os mesmos erros que Eneias, porém a tragédia da *Eneida* é mais que um símbolo da tragédia da história romana; é também uma tragédia da vida dos homens, em geral, da sociedade.

*Eneida*, epopeia clássica, nos remete a reflexões relevantes para compreendermos como nações foram formadas através de guerras e conquistas e, ainda, se torna relevante para pensarmos identidades, preceitos e valores atuais.

## REFERÊNCIAS

- Bíblia Sagrada:** Nova versão internacional. Tradução da sociedade Bíblica Internacional. – São Paulo 2000.
- GERK, Geisa Moreira Regazzi. A *pietas* de Eneias. **Revista ao Pé da Letra**. S/D.Revista Pé da Letra. Disponível em: [http://revistaaopedaletra.net/volumesaopedaletra/vol%204.2/A\\_pietas\\_de\\_Eneias.pdf](http://revistaaopedaletra.net/volumesaopedaletra/vol%204.2/A_pietas_de_Eneias.pdf). Acesso em: 12 jan. 2021.
- GRIZOSTE, Weberson Fernandes. **Os Timbiras: os paradoxos anti-épicas da Ilíada Brasileira**. Faculdade de Letras - Universidade de Coimbra 2013.
- GRIZOSTE, Weberson Fernandes. **A dimensão anti-épica de Virgílio e o indianismo de Gonçalves Dias**, Coimbra, CECH, 2011.
- MEDEIROS, Walter de. ANDRÉ, Carlos Ascenso. PEREIRA, Virgínia Soares. **A Eneida em contraluz**. Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, 2010.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de história da cultura clássica**. Vol. II, Cultura Romana. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian 1984.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23ª. Ed. Rev. e atualizada - São Paulo: Cortez, 2007.
- VIRGÍLIO. **Eneida**. Tradução Tarsilo Orpheu Spalding. 5ª Ed. São Paulo, Editora Cultrix, S/D.